



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

<http://dx.doi.org/10.22351/et.v.57i2.3099>

**A VARIAÇÃO DE MODELOS MENTAIS:
O CONHECIMENTO DE CENAS DO COTIDIANO COMO PONTO DE PARTIDA
DO TRABALHO DE PREGAÇÃO¹**

*The variation of mental models:
the knowledge of scenes from daily life as the starting point for the work of preaching*

Jan Hermelink²

Resumo: Pressupondo que a prédica é (também) um texto literário que opera com recursos estéticos, a referência da prédica à situação ou ao mundo pode ser descrita e articulada com recursos da ciência literária. Retomando a linguística textual, este artigo pergunta a respeito dos chamados modelos mentais: processos, cenas e constelações típicas conhecidas a partir do universo do cotidiano que são evocados, concretizados, mas também sempre variados por um texto concreto – portanto também por uma prédica. Ele expõe a interação do texto concreto e seu modelo mental com base em uma prédica exemplar do autor e aponta pistas para a estruturação de uma prédica correspondente a essa interação: como variação criativa de modelos mentais que podem ser encontrados a partir do texto bíblico de referência e/ou da realidade dos ouvintes.

Palavras-chave: Imagens na prédica. Análise da prédica. Situação homilética. Promessa.

Abstract: Presupposing that the sermon is (also) a literary text which works with esthetic resources, the sermon's reference to the situation or to the world can be described and articulated with resources from literary science. Taking up textual linguistics again, this article asks about the so-called mental models: typical processes, scenes and constellations known from the universe of daily life which are evoked, made concrete, but also always changed by a concrete text - therefore also by a sermon. It presents the interaction of the concrete text and its mental model based on a sample sermon of the author and points to tips for structuring a sermon which corresponds to this interaction: as a creative variation of mental models which can be found based on the biblical text in reference and/or on the reality of the listeners.

Keywords: Images in the sermon. Analysis of the sermon. Homiletic situation. Promise.

¹ O artigo foi recebido em 16 de agosto de 2017 e aprovado em 27 de setembro de 2017 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*. Traduzido do original em alemão *Mentale Modelle variieren: Szenisches Alltagswissen als Ausgangspunkt der Predigtarbeit*, por N. N.

² Doutor em Teologia pela Ruprecht-Karls-Universität Heidelberg (1991), Livre-docente em Teologia Prática pela Martin-Luther-Universität Halle-Wittenberg (1999), é professor de Teologia Prática /Teologia Pastoral na Faculdade de Teologia da Universidade de Göttingen, Alemanha. Contato: jan.hermelink@theologie.uni-goettingen.de

Inventário: elucidação da situação homilética como trabalho com modelos mentais

As reflexões teóricas com as quais contribuí para o discurso homilético se concentram em uma compreensão mais aprofundada da “situação homilética” – um termo cunhado por Ernst Lange que acentua o significado constitutivo das respectivas “experiências e concepções” das pessoas que ouvem a prédica, de suas “esperanças e decepções”, bem como de sua respectiva “responsabilidade”³. A referência da prédica evangélica a textos bíblicos e ao papel profissional de quem a profere, também o contexto litúrgico da prédica e sua articulação linguística – todos esses fatores homiléticos básicos só são enfocados no esboço que se segue na medida em que interajam com a tarefa de fazer com que a própria vida apareça, em cada caso, “à luz da promessa” – para expressá-lo mais uma vez com palavras de Ernst Lange.⁴

Por isso a forma de lidar homileticamente com a situação não é descrita adequadamente com categorias sociológicas ou psicológicas, p. ex., e sim com *categorias estéticas*: a prédica precisa “inventar” (Albrecht Grözinger⁵) a situação das pessoas que a ouvem – e fazê-lo de tal maneira que os ouvintes reconheçam suas experiências e expectativas de vida e também possam enfocá-las de modo novo, surpreendente e libertador.

O teorema homilético que desenvolvi em conjunto com o teórico da literatura Eberhard Múske, de Halle, concentra-se na percepção de que a referência constitutiva de uma prédica – assim como de todo texto – à realidade ou à vida é produzida pelos ouvintes, em grande parte, através de atos interpretativos *holísticos*, cênicos ou imagéticos.⁶ Para perceber “o que está realmente em pauta” em um texto, a leitora/ouvinte – como o concebe Múske junto com uma ampla tradição da ciência literária⁷ – recorre a um amplo conhecimento prévio universalmente disponível sobre processos, nexos de acontecimentos ou atividades típicos: toda pessoa sabe o que faz parte de uma ida a um restaurante, de um culto de Natal ou de uma crise da puberdade, que situação espacial e temporal, que papéis, que circunstâncias e objetos são típicos do respectivo acontecimento.

Portanto o conhecimento da respectiva realidade da vida – que, naturalmente, se expressa de maneira específica em cada cultura – consiste, em grande parte, em um inventário complexo de esquemas típicos de ações ou processos que Múske chama

³ Cf. LANGE, Ernst. Zur Aufgabe christlicher Rede (1968). In: _____. *Predigen als Beruf*. 2. ed. München, 1982. p. 52-67; aqui p. 58; quanto a isso, HERMELINK, Jan. *Die homiletische Situation*: Zur jüngeren Geschichte eines Predigtproblems. Göttingen, 1992. especialmente p. 156ss. (APTh, 24).

⁴ Cf. LANGE, 1982; LANGE, E. Zur Theorie und Praxis der Predigtarbeit (1967). In: LANGE, 1982, p. 27 e passim.

⁵ Cf. GRÖZINGER, Albrecht. *Toleranz und Leidenschaft*: Über das Predigen in einer pluralistischen Gesellschaft. Gütersloh, 2004. p. 34ss e passim.

⁶ Quanto ao que se segue, cf. o texto fundamental HERMELINK, Jan; MÜSKE, Eberhard. Predigt als Arbeit an mentalen Bildern: Zur Rezeption der Textsemiotik in der Predigtanalyse. *Praktische Theologie*, v. 30, p. 219-239, 1995.

⁷ Cf. MÜSKE, Eberhard. *Diskurssemiotik*: Zur funktionellen Integration des frame-Konzepts in ein dynamisches Modell literarisch-künstlerischer Texte. Stuttgart, 1992.

de “*modelos mentais*”⁸, pois um “modelo mental” é justamente o conhecimento universalmente partilhado sobre cenas típicas do cotidiano. Por um lado, esses modelos mentais estão estruturados especificamente, mas, por outro – como modelos convencionais –, são necessariamente *imprecisos*: inicialmente – para ficar no exemplo da crise da puberdade – não está definido quem participa concretamente da confrontação familiar ou qual o tema que a desencadeia. Nesse sentido, um modelo mental contém sempre uma série de lacunas ou espaços vazios (*slots*, em inglês) que só são preenchidos na conversa concreta ou na compreensão de um texto concreto.

Por essa razão só se deveria falar de “*imagens mentais*” com cautela: a concepção aqui apresentada trata da forma de lidar com *tipos* de processos ou acontecimento culturalmente específicos, que só adquirem uma visualização cênica ou imagética na compreensão individual em cada caso.⁹

A compreensão concreta de um texto – também de uma prédica, p. ex. – se efetiva no tocante àquilo “que está realmente em pauta”, portanto mediante um permanente *movimento interpretativo duplo*. Por um lado, palavras ou frases avulsas, p. ex. “O que você pensou quando isso ocorreu?”, são entendidas, sem querer, como referência a determinados modelos mentais, p. ex. a um confronto familiar. Por outro lado, com essa hipótese daquilo “que está realmente em pauta” outros sinais textuais também são correlacionados ao respectivo modelo, que, por sua vez, é concretizado adicionalmente dessa maneira. Nesse sentido, pode-se constatar repetidamente que no respectivo texto é tematizado não o modelo mental inicialmente suposto, e sim um modelo (até certo ponto ou inteiramente) diferente, seja – no exemplo mencionado – uma briga entre amigas ou uma oficina de escrita.

Segundo Müske, porém, um texto literário caracteriza-se de modo significativo pelo fato de não nomear expressamente aquilo “que está realmente em pauta” como um registro de acidente ou como um manual de instruções, e sim *intensifica* o movimento interpretativo acima esboçado, a correlação tentativa de possíveis modelos e uma releitura correspondente do texto através de sinais linguísticos marcantes e, ao mesmo tempo, equívocos. No caso de um “texto aberto” desse tipo, a leitora/ouvinte é obrigada, de maneira sempre nova, a não só *concretizar* o modelo mental utilizado inicialmente com base nos demais sinais linguísticos, mas também a *variá-lo*, porque os sinais não apontam, p. ex., para uma situação familiar, e sim para uma situação escolar.

O movimento de interpretação – involuntário e geralmente também inconsciente – pode, entretanto, chegar ao ponto de que a concepção daquilo “que está realmente em pauta” muda inteiramente: talvez, sem que isso seja dito expressamente, o que está “realmente” em pauta não seja uma crise da puberdade, mas uma disputa diante de um tribunal ou de um “foro interno”. Desse modo, o modelo mental do qual o leitor partiu é *transcendido*.

⁸ Na semântica linguística fala-se de *frames*; cf. p. ex., ZIEM, Alexander; FELDER, Ekkehard (ed.). *Sprache und Wissen, Frames und sprachliches Wissen: Kognitive Aspekte der semantischen Kompetenz*. Berlin; New York, 2008.

⁹ Cf. a referência em FRITZ, Regina. *Ethos und Predigt: Eine ethisch-homiletische Studie zur Konstitution und Kommunikation ethischen Urteilens*. Tübingen, 2011. p. 141s.

Também a forma da prédica lidar com a situação das pessoas que a ouvem pode ser compreendida, com proveito, como uma orientação para esse movimento interpretativo entre sinais textuais e a correlação de modelos mentais, que são, assim, concretizados, variados ou também transcendidos. Para tanto, a perícopes bíblica irá desempenhar um papel importante.¹⁰ Ela pode – em seu todo ou mediante a acentuação de determinados traços – aparecer como uma remissão a um modelo mental determinado da experiência de vida atual, o qual é variado (em termos religiosos) dessa maneira. Inversamente, porém, também o modelo convencional de uma cura milagrosa, p. ex. – como concretização da qual uma narrativa bíblica aparece inicialmente –, pode ser variada mediante referências linguísticas à experiência do cotidiano e, por fim, também transcendida, de modo que a interpretação da situação religiosa é complementada por uma profana.

As análises detalhadas que Regina Fritz fez a respeito da variação de modelos mentais em prédicas¹¹ mostram, entre outras coisas, a importância de trocas de sujeito e perspectiva. Assim, o modelo mental da situação fica sob uma perspectiva diferente quando um sujeito religioso (Jesus ou Deus) é substituído por um grupo social do presente ou pelo ouvinte como indivíduo, ou quando, inversamente, processos sociais aparecem como induzidos pela ação divina. Também uma troca da perspectiva no modelo, p. ex. de papéis passivos para os de agente, desencadeia um movimento interpretativo que incentiva para variar ou até superar duradouramente a imagem convencional da realidade da vida.

Reflexão sobre a invenção da situação: tema – tópica – detalhamento – variação

A pergunta a respeito da elucidação da situação homilética pela indução linguística de modelos mentais é, inicialmente, uma pergunta *analítica* dirigida a prédicas concretas, também as próprias. Ao se fazer isso, fica rapidamente claro que a análise pode sempre partir de níveis diversos de abstração – dependendo da estruturação da prédica em trechos com os quais se podem correlacionar modelos ou variações de modelos próprios, dependendo da importância dada à perícopes de referência e dependendo da interpretação de sinais textuais marcantes. A prática da análise também mostra, além disso, que as prédicas só raramente cumprem a pretensão literária e artística acima esboçada de não nomear expressamente os modelos dominantes em cada caso, e sim indiretamente, mediante referências precisas a determinadas estruturas ou *slots*, e, assim, também de marcá-los em uma equivocidade produtiva.

Entretanto, um trabalho de pregação que busca, no tocante à situação homilética, uma variação deliberada e específica de modelos mentais, raramente irá iniciar com a realidade de vida das pessoas que ouvem (e das que pregam), já pelo fato de que a preparação concreta de uma prédica não ocorre, como ensina a experiência, como

¹⁰ Cf. HERMELINK; MÜSKE, 1995, p. 236ss.

¹¹ Cf. FRITZ, 2011, especialmente p. 150ss, 172ss e 235ss.

seqüência linear de passos metodológicos a serem distinguidos com exatidão. Pelo contrário: diversas formas de leitura, meditação, reflexão, imaginação e escrita (só de tópicos ou palavra por palavra) se alternam de modo pouco planeável. Mas a situação homilética também só será raramente o ponto de partida da preparação concreta da prédica porque ela quase não muda de domingo para domingo – é, pelo contrário, inicialmente o texto bíblico concreto, acrescido (na verdade, antecedido) da respectiva situação litúrgica (principalmente as leituras, o salmo e o hino do domingo), que dá ao trabalho de pregação um perfil novo e individual em cada caso.

No ato de ocupar-se com as premissas bíblicas e litúrgicas, além das experiências profissionais e pessoais, os acontecimentos políticos e culturais, talvez também esportivos – na confrontação documentativa, combinante, aprofundadora e associativa com os “materiais” da prédica (Gert Otto), a concepção da variação de modelos mentais dirige a atenção para quatro aspectos do trabalho da pregação que, por sua vez, não se seguem rigorosamente um ao outro, mas se estimulam, comentam e corrigem mutuamente.

Inicialmente se deverá definir – provisoriamente – o “tema operacional” (W. Engemann¹²) ou o “nexo de assuntos” (E. Múske¹³) da prédica, e de tal modo que também se enfoque o modelo mental, portanto a cena convencional ou a forma típica do tema. Isso não se refere – para acentuar esse aspecto de novo – a uma “imagem” em sentido mais estreito, ou seja, uma ideia ótica ou sensorialmente concreta de modo geral, e sim a uma *estrutura formal*, que descreve os aspectos típicos de um determinado processo de ações ou acontecimentos bem como os espaços vazios (*slots*) que o acompanham.

No tocante à prédica reproduzida (em sua maior parte) na seção 3, poder-se-ia designar inicialmente o seguinte como modelo mental: ALGUÉM SE AFASTA DAS CONDIÇÕES DE VIDA FAMILIARES¹⁴. A proximidade para com o tema da perícopa de pregação é evidente neste caso (cf. seções [2s, 7s] e passim¹⁵); além disso, há referências à puberdade, cf. [4s, 9] e à experiência do início do estudo universitário, cf. [7, 9s, 14]).

A reflexão sobre o modelo mental orientador torna-se concreta através de considerações sobre seus *espaços vazios* típicos, *determinantes da estrutura*. Sob a orientação da teoria clássico-retórica dos locais de busca de argumentos discursivos, a tópica¹⁶, os seguintes elementos entram em cogitação como espaços vazios desse tipo: espaço, tempo, circunstâncias, pessoas/papéis, processos/fases típicos, modos típicos de execução, detalhes/objetos típicos, possibilidade/probabilidade da ocorrência. Portanto o tema escolhido para a prédica ganha perfil, inicialmente, pelo fato de que

¹² Cf. ENGEMANN, Wilfried. *Einführung in die Homiletik*. Tübingen; Basel, 2002. p. 461s.

¹³ Cf. HERMELINK; MÜSKE, 1995, p. 227.

¹⁴ A grafia em versalete indica que o que importa é o modelo mental que está “atrás” da frase.

¹⁵ As referências seguintes correspondem aos trechos numerados em minha prédica exemplar reproduzida abaixo.

¹⁶ Cf. HERMELINK; MÜSKE, 1995, p. 226, e FRITZ, 2011, p. 138 (com outras referências bibliográficas sobre a pesquisa da retórica).

suas circunstâncias espaciais e/ou temporais, as circunstâncias pessoais ou modais são determinadas.

Exemplarmente, com vistas ao modelo mental *ALGUÉM SE AFASTA DAS CONDIÇÕES DE VIDA FAMILIARES*, sobretudo uma determinada *situação inicial* faz parte dos tópicos definidos: uma estada mais longa em um local social; a isso se acrescentam pessoas que estão estreitamente ligadas ao protagonista. Já a situação nova a que *ALGUÉM* chega é indeterminada. Além disso, uma diferença de perspectiva no *modo emocional* é essencial para o modelo: enquanto que a ocorrência aparece, “a partir de dentro”, tipicamente como crise, na perspectiva externa ela representa um desenvolvimento normal, eventualmente desejável. O que fica indeterminado – isto é, aberto para um preenchimento concreto – no modelo mencionado são o lugar e o tempo, ensejos e também a dinâmica temporal: o afastar-se pode ocorrer depressa ou devagar. Também a atividade do protagonista pode ter características diversas.

O mais tardar no trabalho com a articulação linguística da prédica se enfoca, no tocante à “invenção” estética da situação homilética, um terceiro aspecto, a saber, os *sinais linguísticos precisos* com que o modelo é induzido e concretizado: que expressões, que imagens (em sentido mais estreito, retórico) ou termos, que cenas, pessoas ou atmosferas são apropriadas para revelar o assunto central da prédica – também e justamente quando ele não é mencionado expressamente – e, com isso, incentivar os ouvintes para uma atividade interpretativa própria, mais exatamente para uma atividade modeladora própria? Está claro que essas reflexões linguísticas em sentido mais estreito retroagem sobre a determinação dos tópicos típicos; o contorno exato do modelo mental, também sua determinação básica pode perfeitamente mudar mais uma vez dessa maneira.

A prédica aqui observada trabalha, no que diz respeito ao detalhamento linguístico de seu modelo mental, com cenas típicas [2, 5], com discurso literal [3, 6, 7] e – principalmente na segunda metade – com monólogos interiores [5, 9, 11s, 15]. Também a menção de sentimentos típicos é utilizada com bastante frequência [2, 4, 6, 8, 10s, 15s]. Todos esses sinais inauguram, ao mesmo tempo, uma interpretação variante do modelo básico.

O quarto aspecto sobre o qual o trabalho de pregação deve refletir no tocante à situação homilética diz respeito, portanto, à *variação* deliberada do modelo inicial¹⁷, que torna visível um acontecimento um tanto diferente, eventualmente também um acontecimento bem diferente. Com base em análises de prédicas e minha própria experiência de pregação, saliento quatro formas de variação que também aparecem todas na prédica reproduzida:

– Pelo fato de a prédica focar *papéis diversos* de um modelo mental, muda não só a perspectiva, mas eventualmente também o próprio modelo. Assim, o exemplo de prédica começa com a perspectiva das pessoas que fazem parte das *CONDIÇÕES DE VIDA FAMILIARES* e passa, na segunda parte [8ss], para a perspectiva daquele que

¹⁷ Também para THEISSEN, Gerd. *Zeichensprache des Glaubens*: Chancen der Predigt heute. Gütersloh, 1994, as “variações homiléticas” fazem parte dos recursos centrais para a moldagem da prédica.

se AFASTA dessas condições de vida. Neste sentido, Jesus, como um protagonista do modelo, é descrito na primeira parte como ativo, e na segunda mais como passivo [9]; este último aspecto cria uma certa tensão para com a pericope. – A troca de perspectiva dentro do modelo permite que ele seja ocupado com diversas figuras de identificação do mundo da vida: pais/filhos e filhas, afilhados e afilhadas etc. [5], estudantes [7, 14]: os ouvintes podem, desse modo, se ver em contraposição a Jesus [7], mas também em correspondência a ele [10-17]. A troca de papéis é, ao mesmo tempo, utilizável teologicamente na medida em que ele permite passar da tribulação ([6s;]) a uma visão promissora [14ss, 17].

– Em prédicas também parece plausível uma variação da coloração emocional, da *atmosfera*. No exemplo de pré-dica isso é praticado (talvez em demasia) quando se acentuam, inicialmente, susto, dor e decepção [2, 4-8, 16 e passim] e depois também são abordadas experiências de libertação [7, 11] e gratificação [15s]. Além disso, ao que tudo indica, neste caso também são facilmente possíveis conexões com a dimensão religiosa, p. ex. da promessa e reafirmação [14-17]. De modo um tanto mais cauteloso também são interpretados em termos religiosos os sentimentos negativos da decepção e da dúvida [7, 13, 16].

– Uma terceira possibilidade de variação diz respeito à *estrutura temporal* de um modelo mental. Na medida em que o foco é dirigido para outras fases ou etapas, pesos temáticos também são alterados. Típica de prédicas parece ser a acentuação de situações visadas no futuro. O modelo ALGUÉM SE AFASTA DAS CONDIÇÕES DE VIDA FAMILIARES, que acentua a situação inicial, é variado duradouramente na medida em que são enfocados inicialmente os caminhos associados a isso [7, 9] e então as pessoas [10s] bem como as circunstâncias mais concretas de uma nova situação de vida, e até de uma comunhão de vida esperada [11, 13ss]. Com isso se induz cada vez mais um novo modelo mental, que deveria ser chamado – e então, mais uma vez, caracterizado topicamente – ALGUÉM ENCONTRA SEU DESTINO GENUÍNO.

Ao que tudo indica, é essa *mudança de fases* que se mostra particularmente passível de conexão com uma interpretação religiosa da situação, tanto com vistas à história da própria pessoa com Jesus [6s] quanto – também em uma constelação biográfica – no tocante aos desejos para a própria vida, e também às esperanças religiosas, de matiz quase escatológico [15-17].

Em seu conjunto, a mudança de fases sinalizada linguisticamente do exemplo de pré-dica pode perfeitamente ser entendida, junto com suas diversas marcações religiosas, como remissão a um modelo mental bem diferente: ALGUÉM PASSA POR UMA HISTÓRIA DE FORMAÇÃO RELIGIOSA. Face a essa invenção de situação, muitos detalhes linguísticos da pré-dica podem ser, mais uma vez, ouvidos/lidos e decifrados de maneira nova.

– Uma última possibilidade de variação, também utilizada com frequência, é constituída pelo deslocamento do modelo para outros *espaços sociais*. Além das experiências familiares, que constituem aqui durante muito tempo o modelo básico, poderiam entrar espaços profissionais ou também políticos. No presente caso, o espaço da experiência religiosa [6s, 17s] é identificado bastante cedo e, além disso, de modo sempre mais detalhado, o estudo universitário (de teologia) [7, 9-11, 14].

A isso se acrescentam agora sinais que situam o modelo biográfico orientador no *espaço da igreja*, e mais precisamente ainda: no espaço do culto [6, 7, 15, 17s]. Justamente a citação final de Lc 11 associa espaços de experiência familiares, biográfico-religiosos e eclesialístico-litúrgicos de maneira tão densa que a história de formação aqui modelada encontra seu ponto de chegada no justamente acontecimento que, de qualquer modo, une no presente as pessoas que estão ouvindo a prédica: a situação homilética parece cada vez mais concentrada – e limitada! – no modelo mental da experiência comum do culto.

Exemplo: Jesus aos 12 anos no templo

No culto da Universidade de Göttingen, preguei sobre Lc 2.41-51 em 4 de janeiro de 2009 (2º Domingo após o Natal). Após indicações detalhadas de referências literárias (Lc 4.16ss; Mt 21.12ss, 23ss, entre outros), a prédica continua da seguinte maneira¹⁸:

[1] A história de Jesus aos 12 anos no templo nos parece conhecida porque nós [...] reconhecemos cenas bíblicas, ao menos os locais e nomes: começando com Maria, terminando em Jerusalém e Nazaré.

Mas suponho que haja ainda uma outra coisa que faz com que essa história nos pareça estranhamente familiar. Nós conhecemos as experiências das quais se fala aqui, experiências humanas, mais exatamente experiências familiares, mas que vão muito além do âmbito da família, ou melhor: que têm um alcance muito mais profundo do que gostaríamos.

[2] Quem não conhece o susto que sentimos quando a criança pela qual somos responsáveis desaparece de repente? Quem ainda não vasculhou o trem inteiro, olhou em cada compartimento, com pânico crescente, ou perguntou a toda a vizinhança, a todos os amigos e amigas da escola?

Na maioria dos casos a gente encontra a criança de novo, talvez transtornada, mas sã e salva – só que o susto fica: o ser que me é confiado, que é mais importante para mim do que qualquer outra coisa na vida – eu poderia perdê-lo. Esse medo fica, e na verdade ele está presente desde o primeiro instante.

[3] E então a cena em que o filho é finalmente encontrado, depois de dias – e rechaça os pais: Por que vocês estão preocupados comigo, por que estão me procurando, afinal? Vocês não percebem que estou no lugar certo aqui, junto a essas pessoas?

Certamente, quem fala aqui – pela primeira vez – é o Jesus que rechaça repetidas vezes sua família em favor das pessoas com as quais quer refletir sobre a palavra de Deus e segui-la. “O que me importam neste caso meus irmãos e irmãs de sangue, meu pai e minha mãe?”

[4] Mas na maneira como Lucas narra se pode perceber também o outro lado, o lado humano [...]: a dor dos pais pelo fato de que seu filho se tornou um estranho para

¹⁸ A numeração dos trechos foi inserida para fins de descrição exemplar.

eles; a decepção por ter perdido o contato cada vez mais; talvez o susto de nem saber mais o que os próprios filhos e filhas amam – e do que têm medo.

[5] Mesmo quem não tem filhos e filhas consegue compreender como essa dor surge de repente – ou se desenvolve aos poucos: no caso da afilhada que mergulhou em um outro mundo, estranho, que se fecha e se recusa a responder a todas as perguntas. Ou [...] o aluno, apoiado de maneira engajada e confiante, que está se afastando cada vez mais de mim. Será que exigi demais dele? Será que não lhe dei o que ele realmente precisava? [...]

[6] E seus pais, escreve Lucas, “não compreenderam as palavras que ele lhes dissera”.

Quem procura Jesus, quem quer se confiar a ele, precisa contar com decepção, com experiências transtornadoras ou angustiantes.

Hoje, dez dias depois do Natal, fica claro: Jesus não é apenas a criança na manjedoura, que nos remete de volta à nossa própria infância e nos promete o amor incondicional e transbordante de Deus.

Hoje, dez dias ou 12 anos mais tarde, no início do novo ano, Jesus se mostra a partir de seu lado estranho e rejeitador: ele não faz parte apenas de Nazaré, não pertence à família e não tem seu lugar apenas na igreja.

[7] Isso pode, às vezes, ser uma percepção libertadora – mas ela também é dolorosa: quem quer começar o ano novo com Jesus deve esperar desvios, talvez também descaminhos. Muito esforço amoroso, muito zelo, muito estudo pode, de repente, parecer em vão. Muita coisa permanecerá incompreensível.

Justamente quem acha que já conhece Jesus há anos, talvez uma vida inteira, precisa contar com a possibilidade de rechaço: “Por que me procuras lá?”

Que bom que Jesus volta junto mais uma vez para Nazaré, que ele dá a seus pais tempo para entender – bem aos poucos! Que bom que também nós temos tempo um ano inteiro, uma vida inteira, para nos aproximar de Jesus! [...]

[8] Lucas narra a história de Jesus, a história de Deus com os seres humanos repetidamente como história de uma família. Por isso também quero observar o outro lado dessa história de família, o lado do filho que de repente se encontra no templo.

Também isso talvez seja uma experiência dolorosa, em todo caso assustadora: descobrir que não se pode mais simplesmente ir junto com as pessoas com as quais se está familiarizado, os mais velhos, os experientes.

[9] Jesus se insere nas tradições de seu povo, encontra acesso a uma grande história intelectual – e é levado, com isso, para muito além da própria origem.

Dessa maneira, ele entra – como todo adolescente, como toda pessoa que busca – em conflitos: qual é meu lugar? Com quem estou comprometido? O que me orienta?

Essa busca contém desvios, descaminhos, erros. Constantemente para lá e para cá entre Nazaré e Jerusalém, entre o lar antigo e – talvez – o novo.

[10] Essa busca provoca susto, incompreensão, rupturas entre as pessoas familiarizadas umas com as outras. Ela causa insegurança profunda: a rigor meu lugar é outro, em um mundo diferente daquele que me parecia familiar. Percebo que outros interlocutores se tornaram mais importantes para mim, que outros modelos me marcam.

[11] Isso pode ser uma percepção libertadora, causadora de alívio, mas também pode oprimir a pessoa e torná-la solitária: qual é, afinal, meu lugar? Talvez esta cidade não seja mais meu lugar, talvez este estudo também não seja o certo. A rigor, eu só recobro o ânimo em outro lugar, em uma nova comunidade. [...]

[12] Também quem tem 50 ou 60 anos pode se sentir como alguém com 12 anos: será que esse círculo de amigos, essa família é realmente meu lugar? Será que estou na profissão certa?

O tempo entre os anos faz com que surjam esses pensamentos. Quais são os interlocutores que poderiam me ajudar a encontrar respostas? Quem aceita minhas perguntas e respeita minhas respostas?

[13] O espaço, o reino do Pai, em que Jesus se encontra de repente – segundo a narrativa de Lucas – é, em todo caso, um reino da busca conjunta, um espaço em que a insegurança e a dúvida são permitidas.

[14] Para o início de um novo ano na universidade, essa me parece ser uma imagem promissora: é na conversa, no experimento, no fazer perguntas com franqueza e no ouvir com cuidado – diz Lucas – que o adolescente Jesus encontra seu novo, velho lar.

Carregando um pouco nas tintas: Jesus recobra a consciência na atmosfera de um seminário; por assim dizer, em uma atividade letiva filológico-ética; durante uma oficina cujo resultado está em aberto.

[15] Isso pode ser penoso, desconcertante, assustador – todos e todas nós conhecemos isso. Mas essa busca é guiada pelo saber incipiente de que existe um lugar a respeito do qual posso dizer: Este é meu lugar. Algo aqui faz com que meu coração e meus sentidos despertem: as pessoas que me dão ouvidos; os livros que descobrimos em conjunto; as imagens e histórias que vão se formando dentro de mim.

[16] Espanto, susto, ao menos dúvidas – sim. Mas também a felicidade de ter chegado: aqui estou no lugar certo, este é meu lugar – desde o início.

[17] No início de um novo ano se encontra a promessa: um lugar assim, um espaço sagrado assim existe para cada um e cada uma de nós.

[18] No capítulo 11, Lucas volta a falar da família de Jesus. “Ora, aconteceu que, ao dizer Jesus estas palavras, uma mulher, que estava entre a multidão, exclamou e disse-lhe: Bem-aventurada aquela que te concebeu, e os seios que te amamentaram! Ele, porém, respondeu: Antes, bem-aventurados são os que ouvem a palavra de Deus e a guardam” [Lc 11.27s].

Que assim aconteça conosco e por meio de nós. Amém.

Epílogo: O acoplamento frouxo entre teoria e prática

O teorema homilético da variação de modelos mentais, a reflexão subsequente sobre o trabalho de pregação e seu possível resultado devem ser, em vários sentidos, exemplares para uma autocompreensão adequada da Teologia Prática.

Inicialmente, a contraposição de um elemento da teoria homilética e uma prédica do mesmo autor revela com a clareza desejável que a prática da pregação não se deve, de modo algum, a uma “implementação”, tão conforme às regras quanto possível, de uma

teoria teológica (prática). Pelo contrário: por um lado, a prática fica, por assim dizer, para trás da teoria: contrariando sua recomendação, a prédica aqui mostrada explicita bem seus modelos mentais [1, 9]; ela procura efetivamente guiar a atividade interpretativa dos ouvintes de maneira consideravelmente mais forte do que a teoria homilética corrente recomenda¹⁹; e ela deve, por causa da abundância de suas concretizações – cf. apenas [2, 5, 10-12], mais cansar os ouvintes do que estimulá-los a imaginar por conta própria sua experiência de vida. Deve-se inferir disso que o trabalho de pregação se efetiva factualmente segundo regras tão complexas, marcadas de maneira tão situacional quanto pessoal e profissional-biográfica que os programas da teoria teológica, retórica ou também psicológica só têm um efeito prático muito limitado.

Por outro lado, a teoria (homilética) esboçada também seria entendida de modo equivocado se parecesse ser meramente um programa para melhorar a prática (de pregação). O ponto de partida da reflexão, neste caso, justamente não é constituído por percepções da teologia histórica ou sistemática que deveriam ser “implementadas” na prática eclesial, e sim, antes, uma *análise empírica* detalhada dessa prática.

Ao fazer isso, a Teologia Prática, como teoria da prática eclesial, recorre sempre de maneira nova, para essas análises, a teorias comprovadas da ciência social ou também literária – exemplos proeminentes delas são as teorias sobre rituais, com as quais se pesquisa há mais tempo a prática de ofícios casuais da igreja, ou os levantamentos sociológicos sobre os membros da igreja. As percepções que são obtidas nessas análises sobre a prática factual orientadas por teorias devem, então, ser *confrontadas* com sua descrição teológico-normativa, da maneira como se esboçou aqui – tanto em sentido teórico quanto empírico – a partir do conceito de “situação homilética”.

Só nesse complexo horizonte empírico-teológico as percepções analíticas podem, então, elas próprias, também ser empregadas como aspectos orientadores para a ação prática – *sem* que, como se mostrou, elas pudessem determinar a prática diretamente. Pelo contrário: justamente a concatenação obviamente deficiente entre teoria (homilética) e prática (de pregação) concreta, seu “acoplamento” quando muito “frouxo”²⁰ indica que tanto a teoria quanto a prática seguem sua lógica própria e só conseguem se desconcertar mutuamente de modo produtivo sob essa condição.

Menciono, para concluir, um desconcerto específico que resulta da confrontação da teoria e da prática analisada e que estou examinando em minha própria pesquisa. Parece-me que não é acaso e tampouco apenas preferência pessoal que a prédica (cf. acima) comunique sua situação, por último, no modelo mental da experiência de culto ou, de maneira mais geral, como *situação eclesial*. Como, em todo caso, sugerem outras análises²¹, na pregação evangélica se “inventam” de modo novo tam-

¹⁹ Cf. apenas ENGEMANN, Wilfried. Wider den redundanten Exzess: Semiotisches Plädoyer für eine ergänzungsbedürftige Predigt (1990). In: _____. *Personen, Zeichen und das Evangelium: Argumentationsmuster der Praktischen Theologie*. Leipzig, 2003. p. 91-107.

²⁰ Cf. a caracterização dessa expressão pela teoria dos sistemas em WEICK, Karl E. *Der Prozess des Organisierens*. Frankfurt/M., 1985. p. 163 e passim.

²¹ Cf. HERMELINK, Jan. Die kirchenleitende Funktion der Predigt: Überlegungen zum evangelischen Profil der Kybernetik. *PTh*, v. 94, p. 462-479, 2005; _____. Kirchenleitung durch Lehre, Predigt – und Person:

bém em outros casos não só as situações da biografia individual, do espaço próximo e talvez também da cultura e da sociedade dos ouvintes, mas na prédica se efetiva principalmente – e até essencialmente – uma interpretação da situação eclesial, uma *representação pública da vida cristã*.

O que constitui o inventário de modelos mentais com cuja variação a prédica faz referência à realidade atual não é só a espiritualidade individual, e também não tanto a prática do cristianismo que marca a sociedade. É, antes, com a ajuda das ações típicas do culto, da cura d'almas, da piedade comunitária e – por último, mas não menos importante – da prática musical da igreja que a pregação evangélica coloca *toda* a vida dos ouvintes, suas experiências atuais, suas esperanças e decepções sob a “luz da promessa”. Parece-me que esse “lugar vivencial” específico da prática eclesial faz da Teologia Prática, tanto em suas diversas áreas quanto em seu conjunto, uma *teoria da igreja*.

Leituras recomendadas

a) Aprofundamento teórico/teológico:

HERMELINK, Jan; MÜSKE, Eberhard. Predigt als Arbeit an mentalen Bildern: Zur Rezeption der Textsemiotik in der Predigtanalyse. *PrTh*, v. 30, p. 219-239, 1995. Também em: ENGEMANN, Wilfried; LÜTZE, Frank M. (ed.). *Grundfragen der Predigt*: Ein Studienbuch. 2. ed. Leipzig, 2009. p. 365-387.

b) Desdobramento com referências à prática:

HERMELINK, Jan. Ausmalen und Hindurchsehen: Das diskurssemiotische Konzept des „mentalen Bildes“ in der Predigtarbeit. In: POHL-PATALONG, Uta; MUCHLINSKY, Frank (ed.). *Predigen im Plural*: Homiletische Aspekte. Hamburg, 2001. p. 36-45.

c) Inserção prático-teológica:

DINTER, Astrid; HEIMBROCK, Hans-Günter; SÖDERBLOM, Kerstin (ed.). *Einführung in die Empirische Theologie*: Gelebte Religion erforschen. Göttingen, 2007. especialmente p. 319ss.

Referências

CORNELIUS-BUNDSCHUH, Jochen; HERMELINK, Jan (ed.). *Nicht durch Gewalt, sondern durch das Wort*: Die Predigt und die Gestalt der Kirche. Leipzig, 2011.
ENGEMANN, Wilfried. Wider den redundanten Exzess: Semiotisches Plädoyer für eine ergänzungsbedürftige Predigt (1990). In: _____. *Personen, Zeichen und das Evangelium*: Argumentationsmuster der Praktischen Theologie. Leipzig, 2003. p. 91-107.

Beobachtungen zur Gestalt der Kirche in der bischöflichen Predigt. In: CORNELIUS-BUNDSCHUH, J.; HERMELINK, J. (ed.). *Nicht durch Gewalt, sondern durch das Wort*: Die Predigt und die Gestalt der Kirche. Leipzig, 2011. p. 48-65.

- FRITZ, Regina. *Ethos und Predigt: Eine ethisch-homiletische Studie zur Konstitution und Kommunikation ethischen Urteilens*. Tübingen, 2011. especialmente p. 135-142. (PThGG, 6).
- GRÖZINGER, Albrecht. *Toleranz und Leidenschaft: Über das Predigen in einer pluralistischen Gesellschaft*. Gütersloh, 2004.
- HERMELINK, Jan. *Die homiletische Situation: Zur jüngeren Geschichte eines Predigtproblems*. Göttingen, 1992. (APTh, 24).
- LANGE, Ernst. Zur Theorie und Praxis der Predigtarbeit (1967). In: _____. *Predigen als Beruf: Aufsätze zu Homiletik, Liturgie und Pfarramt*. 2. ed. München, 1982. p. 9-51.
- LANGE, Ernst. Zur Aufgabe christlicher Rede (1968). In: _____. *Predigen als Beruf: Aufsätze zu Homiletik, Liturgie und Pfarramt*. 2. ed. München, 1982. p. 52-67.
- WEICK, Karl E. *Der Prozess des Organisierens*. Frankfurt/M., 1985.